

O LIVRO DE URANTIA

Pág. 763

DOCUMENTO 68

A AURORA DA CIVILIZAÇÃO

Este é o começo da narrativa da luta extensamente longa que a espécie humana tem travado para progredir, partindo de um status apenas ligeiramente melhor do que o de uma existência animal, passando pelas idades intermediárias e chegando aos tempos mais recentes, em que uma civilização real, ainda que imperfeita, foi desenvolvida entre as raças superiores da humanidade.

A civilização é uma aquisição da raça; não é uma inerência biológica; e por isso é que todas as crianças devem ser criadas em um ambiente de cultura, e cada geração de jovens que se sucede deve receber uma nova educação. As qualidades superiores da civilização – científicas, filosóficas e religiosas – não são transmitidas de uma geração a outra pela hereditariedade direta. Essas realizações culturais são preservadas apenas pela conservação do esclarecimento na herança social.

A evolução social de ordem cooperativa foi iniciada pelos instrutores da Dalamátia e, durante trezentos mil anos, a humanidade foi nutrida na idéia de atividades grupais. O homem azul, mais que todos, tirou proveito desses ensinamentos sociais, o homem vermelho, em uma certa medida, e o homem negro, menos do que todos. Em tempos mais recentes, a raça amarela, bem como a branca têm apresentado o desenvolvimento social mais avançado de Urântia.

1. A SOCIALIZAÇÃO PROTETORA

Quando colocados em contato muito estreito, os homens freqüentemente aprendem a amar-se mutuamente, mas, no homem primitivo, o espírito do sentimento de irmandade e o desejo de contato com os seus semelhantes não fluíam naturalmente. As raças primitivas aprenderam, mais por meio de experiências tristes, que “na união, está a força”; e é essa falta de atração natural pela irmandade que agora constitui um obstáculo no caminho da realização imediata da irmandade dos homens em Urântia.

Muito cedo, a associatividade transformou-se no preço da sobrevivência. O homem solitário era impotente, a menos que trouxesse uma marca tribal que testificasse que pertencia a um grupo que certamente vingaria-se de qualquer assalto cometido contra ele. Mesmo nos dias de Caim, era fatal ir até muito longe sozinho, sem alguma marca de associação grupal. A civilização tornou-se a segurança do homem contra a morte violenta, e um alto preço é pago na submissão às inúmeras demandas das leis da sociedade.

A sociedade primitiva era, então, baseada na reciprocidade das necessidades e na maior segurança das associações. E a sociedade humana evoluiu, em ciclos milenares, graças a esse medo do isolamento e por intermédio de uma cooperação relutante.

Os seres humanos primitivos aprenderam, muito cedo, que os grupos são incomensuravelmente maiores e mais fortes do que a mera soma das suas unidades individuais. Cem homens unidos e trabalhando em uníssono podem mover uma grande pedra; duas dúzias de guardiães da paz bem treinados podem conter uma multidão em fúria. E, assim, a sociedade nasceu, não de um mero

Pág. 764

ajuntamento numérico, antes, porém, como resultado da *organização* de cooperadores inteligentes. Contudo, a cooperação não é uma característica natural do homem; ele aprende a cooperar, primeiro, por causa do medo e, então, mais tarde, porque ele descobre que um benefício maior, advém de enfrentar assim as dificuldades do tempo e de se proteger contra os perigos supostos da eternidade.

Os povos que se organizaram cedo desse modo, em uma sociedade primitiva, tiveram mais êxito nos seus avanços contra a natureza, bem como para defender-se dos seus semelhantes; eles tinham maiores possibilidades de sobrevivência; e, por isso, a civilização progrediu firmemente em Urântia, não obstante os seus inúmeros contratempos. E, apenas porque o valor da sobrevivência ficou elevado, em consequência dos agrupamentos, é que os inúmeros erros do homem ainda não conseguiram parar nem destruir a civilização humana.

A sociedade cultural contemporânea é um fenômeno bastante recente, e isso é mostrado, bastante bem, pela sobrevivência, nos dias atuais, de condições sociais tão primitivas como

as que caracterizam os nativos australianos, os bosquímanos e os pigmeus da África. Entre esses povos atrasados, pode ser observado algo da hostilidade tribal primitiva, de suspeita pessoal, bem como outras características altamente anti-sociais que foram tão típicas de todas as raças primitivas. Esses remanescentes miseráveis, de povos não sociais de tempos antigos, são uma testemunha eloqüente do fato de que a tendência individualista natural do homem não pode ter êxito ao competir com as organizações e associações mais potentes e poderosas de progresso social. Tais raças atrasadas, cheias de desconfianças anti-sociais, que usam de um dialeto diferente a cada setenta ou oitenta quilômetros, ilustram o mundo no qual vós poderíeis estar vivendo atualmente, não fossem os ensinamentos do corpo de assessores corpóreos do Príncipe Planetário, combinados aos trabalhos posteriores do grupo Adâmico de elevadores raciais.

A frase moderna “de volta à natureza” é um delírio de ignorância, uma crença na realidade de uma antiga “idade dourada” fictícia. A única base para a lenda da idade dourada são as existências históricas da Dalamatia e do Éden. Contudo, essas sociedades, ainda que aperfeiçoadas, estavam longe de ser a realização de sonhos utópicos.

2. FATORES DO PROGRESSO SOCIAL

A sociedade civilizada é resultado dos esforços iniciais do homem para vencer a sua aversão ao *isolamento*. Isso, porém, não significa necessariamente qualquer afeição mútua, e o estado de turbulência atual de certos grupos primitivos ilustra bem o que as tribos primevas tiveram de enfrentar. Todavia, embora os indivíduos de uma civilização possam ter, entre si, atritos e lutar uns contra os outros, e embora a civilização em si mesma possa parecer uma massa inconsistente de tentativas e de lutas, de fato, essa civilização evidencia um esforço sincero e não uma monotonia mortal de estagnação.

Conquanto o nível da inteligência haja contribuído consideravelmente para o ritmo do progresso cultural, a sociedade tem, essencialmente, a finalidade de minimizar o elemento de risco no modo de vida individual, e tem progredido com a mesma rapidez com que tem tido êxito em reduzir a dor e aumentar o elemento de prazer na vida. Assim, todo o corpo social avança lentamente para uma meta de destino – a extinção ou a sobrevivência – dependendo de essa meta ser a da automanutenção ou autogratificação. A automanutenção origina a sociedade, ao passo que a autogratificação excessiva destrói a civilização.

A sociedade preocupa-se com a autopropetuação, com a automanutenção e com a autogratificação, mas a auto-realização humana é digna de tornar-se a meta imediata para muitos grupos culturais.

O instinto gregário, no homem natural, dificilmente seria suficiente para explicar o desenvolvimento de organizações sociais tais como as que existem atualmente em Urântia. Embora essa propensão gregária inata seja a base da sociedade humana, grande parte da sociabilidade do homem é adquirida. Duas grandes influências que contribuíram para as primeiras associações de seres humanos foram a fome de alimentos e o amor sexual; o homem tem essas necessidades instintivas em comum com o mundo animal. Duas outras emoções que aproximaram os seres humanos e que os *mantiveram* unidos foram a vaidade e o medo, mais particularmente, o medo de fantasmas.

A história é apenas o registro da luta milenar do homem pelo alimento. *O homem primitivo pensava apenas quando estava faminto*; poupar a comida foi o seu primeiro desprendimento e autodisciplina. Com o crescimento da sociedade, a fome de alimento cessou de ser o único incentivo para a associação mútua. Outras inúmeras espécies de fomes, a realização de várias necessidades, todas elas conduziram a humanidade a uma associação mais estreita. Hoje, porém, a sociedade desequilibrou-se com o superacúmulo de necessidades humanas supostas. A civilização ocidental do século vinte geme de cansaço sob a tremenda sobrecarga do fausto e da multiplicação desordenada dos desejos e das aspirações humanas. A sociedade moderna está suportando a pressão de uma das suas mais perigosas fases de interassociação em grande escala e em um nível de interdependência altamente complicado.

A fome, a vaidade e o medo dos fantasmas exerceram uma pressão social contínua, mas a gratificação do sexo foi transitória e espasmódica. Não foi o impulso do sexo por si só que compeliu os homens primitivos e as mulheres a assumirem os pesados encargos da manutenção de um lar. O lar primitivo era fundado na efervescência sexual masculina, privada da gratificação freqüente; e naquele amor materno devotado da fêmea humana, amor esse que, em uma certa medida, ela compartilha com as fêmeas de todos os animais superiores. A presença de uma criança indefesa determinou as primeiras diferenciações entre as atividades masculinas e as femininas; a mulher tinha de manter uma residência estabelecida, onde ela podia cultivar o solo. E, desde os tempos mais antigos, onde estava a mulher, ali, foi sempre considerado o lar.

A mulher, assim, muito cedo se tornou indispensável ao esquema social em evolução, nem tanto por causa da paixão sexual efêmera, como em consequência da *necessidade de alimento*, ela era uma sócia essencial à automanutenção. Era a provedora de alimento, um burro de carga e uma companheira que podia suportar grandes abusos sem ressentimentos violentos e, além de todas essas características desejáveis, ela era um meio sempre disponível de gratificação sexual.

Quase tudo de valor perdurável na civilização tem as suas raízes na família. A família foi o primeiro grupo pacífico de êxito, o homem e a mulher aprendendo a ajustar os seus antagonismos e, ao mesmo tempo, ensinando a busca da paz às suas crianças.

A função do casamento na evolução é assegurar a sobrevivência da raça e não assegurar meramente a realização da felicidade pessoal; a automanutenção e a autoperpetuação são os objetivos reais do lar. A autogratificação é incidental e não essencial, exceto enquanto funciona como um incentivo para assegurar a união sexual. A natureza demanda a sobrevivência, mas as artes da civilização continuam a incrementar os prazeres do casamento e as satisfações da vida familiar.

Se a vaidade for ampliada, abrangendo o orgulho, a ambição e a honra, então podemos discernir não apenas como essas propensões contribuem para a formação das associações humanas, mas também como elas mantêm os homens unidos, pois tais emoções tornam-se fúteis, se não têm uma audiência diante da qual se exibir. E a vaidade logo terá somada a si umas tantas outras emoções

Pág. 766

e impulsos, que pedem uma arena social na qual possam exibir-se e gratificar-se a si próprias. Esse conjunto de emoções deu origem aos primórdios de todas as artes, às cerimônias e a todas as formas de jogos esportivos e de competições.

A vaidade contribuiu poderosamente para o surgimento da sociedade; mas, à época destas revelações, os impulsos desviados de uma geração cheia de ostentação ameaçam enlodar e submergir toda a estrutura complexa de uma civilização altamente especializada. O desejo do prazer tem, desde muito tempo, suplantado o desejo dos alimentos; as metas sociais legítimas de automanutenção estão transladando-se rapidamente para as formas ordinárias e ameaçadoras da autogratificação. A automanutenção edifica a sociedade; a autogratificação desenfreada, infalivelmente, destrói a civilização.

3. A INFLUÊNCIA SOCIALIZANTE DO MEDO DOS FANTASMAS

Os desejos primitivos produziram a sociedade original, mas o temor dos fantasmas manteve-a unida e conferiu um aspecto extra-humano à sua existência. O medo comum era originalmente fisiológico: o medo da dor física, o medo de não satisfazer à fome, ou o medo de alguma calamidade terrestre; mas o medo dos fantasmas era uma nova e sublime espécie de terror.

Provavelmente, o maior fator isolado para a evolução da sociedade humana haja sido o de sonhar com fantasmas. Se bem que a maior parte dos sonhos haja perturbado profundamente a mente primitiva, os sonhos sobre os fantasmas de fato aterrorizaram os homens primitivos, levando esses sonhadores supersticiosos aos braços uns dos outros, em uma ligação voluntária e sincera de proteção mútua contra os perigos imaginários, vagos e invisíveis do mundo dos espíritos. O sonhar com fantasmas foi uma das primeiras

diferenças aparentes entre o tipo animal e o tipo humano de mente. Os animais não visualizam a sobrevivência depois da morte.

Exceto por esse fator, o do fantasma, toda a sociedade alicerçava-se nas necessidades fundamentais e nas premências biológicas básicas. Contudo, o medo dos fantasmas introduziu um fator novo na civilização, um temor que transcende às necessidades elementares do indivíduo e que se eleva muito acima até mesmo das lutas para manter o grupo. O pavor dos espíritos dos mortos trazia à luz uma nova e surpreendente forma de temor, um terror apavorante e poderoso que contribuía para chicotear as ordens sociais então relaxadas, das idades primitivas, levando os grupos primários das tribos antigas a disciplinar-se de um modo mais sério e controlado. Essa superstição sem sentido, um pouco da qual ainda perdura, preparou as mentes dos homens, por intermédio do medo supersticioso do irreal e do supranatural, para a descoberta posterior do “temor do Senhor, que é o início da sabedoria”. Os infundados medos da evolução estão destinados a ser suplantados pelo respeito temeroso da Deidade, inspirado pela revelação. O culto primitivo do medo dos fantasmas tornou-se um elo social poderoso e, desde aqueles dias longínquos, a humanidade tem esforçado-se, às vezes mais, às vezes menos intensamente, para alcançar a espiritualidade.

A fome e o amor aproximaram os homens uns dos outros; a vaidade e o medo dos fantasmas mantiveram-nos unidos. Todavia, essas emoções por si sós, sem a influência de revelações que promovem a paz, são incapazes de suportar as tensões das suspeitas e das irritações nas interassociações humanas. Sem a ajuda de fontes supra-humanas, a tensão da sociedade atinge a ruptura, ao atingir certos limites, e as próprias influências geradoras da mobilização social – fome, amor, vaidade e medo – conspiram para fazer a humanidade mergulhar na guerra e no derramamento de sangue.

A tendência da raça humana para a paz não é um dom natural; ela deriva dos ensinamentos da religião revelada, da experiência acumulada pelas raças progressivas, porém, mais especialmente, dos ensinamentos de Jesus, o Príncipe da Paz.

Pág. 767

Todas as instituições sociais modernas provêm da evolução dos costumes primitivos dos vossos ancestrais selvagens; as convenções de hoje são os costumes de ontem, modificados e ampliados. O que o hábito é para o indivíduo, o costume é para o grupo; e os costumes grupais desenvolvem-se, formando os usos populares e as tradições tribais – o convencional massificado. Nesses começos primevos, todas as instituições da sociedade humana dos dias atuais tiveram uma origem humilde.

Deve ter-se em mente que os costumes originaram-se de um esforço para ajustar a vida grupal às condições da coexistência de massa; os costumes foram a primeira instituição social do homem. E todas essas reações tribais nasceram do esforço para evitar a dor e a humilhação, buscando, ao mesmo tempo, desfrutar do prazer e do poder. A origem dos usos populares, tanto quanto a origem das línguas, é sempre inconsciente e não intencional e, portanto, sempre envolvida em mistério.

O medo de fantasmas levou o homem primitivo a visualizar o sobrenatural e, assim, com segurança, foram assentadas as bases para aquelas influências sociais poderosas da ética e da religião, que, por sua vez, preservaram inviolados os costumes e as tradições da sociedade, de geração em geração. Uma coisa que logo estabeleceu e cristalizou os costumes foi a crença de que os mortos zelavam pelo modo segundo o qual eles tinham vivido e morrido; e, por isso, eles infligiriam punições severas aos mortais vivos que ousassem tratar com desdém e descuido as regras de vida que eles honraram, quando na carne. Tudo isso é mais bem ilustrado pela reverência atual que a raça amarela tem pelos seus ancestrais. As religiões primitivas, que surgiram mais recentemente, reforçaram muito o medo dos fantasmas, ao darem estabilidade às tradições, mas a civilização em avanço tem liberado cada vez mais a humanidade do cativeiro do medo e da escravidão da superstição.

Antes da libertação e da liberalização trazidas pelos ensinamentos dos mestres da Dalamátia, o homem antigo foi mantido como uma vítima indefesa do ritual das tradições; o selvagem primitivo era prisioneiro de um sem fim de cerimoniais. Tudo o que ele fazia, desde o momento em que acordava de manhã até a hora em que adormecia, na sua caverna, à noite, devia ser feito de uma única maneira, ou seja, de acordo com os usos e costumes da tribo. Ele era um escravo da tirania dos costumes; a sua vida nada continha de livre, de espontâneo ou de original. Não havia nenhum progresso natural, no sentido de uma existência mental, moral ou social mais elevada.

O homem primitivo foi poderosamente dominado pelo costume; o selvagem era um verdadeiro escravo dos usos; mas, de tempos em tempos, surgiam aquelas personalidades diferentes que ousaram inaugurar modos novos de pensar e métodos aperfeiçoados de vida. A inércia do homem primitivo constitui, contudo, um freio de segurança biológica contra a precipitação demasiadamente súbita e os desajustes desastrosos que teria uma civilização de avanços excessivamente rápidos.

Todavia, esses costumes não são, de todo, um mal não mitigado; a sua evolução deveria continuar. Seria quase fatal à continuação da civilização, se tentássemos modificá-los globalmente por meio de uma revolução radical. Os costumes têm sido o fio da continuidade a manter a civilização unida. O trajeto da história humana está repleto de vestígios, de costumes descartados e de práticas sociais obsoletas; mas nenhuma civilização que haja abandonado as suas tradições sobreviveu, a não ser adotando costumes melhores e mais adequados.

A sobrevivência de uma sociedade depende principalmente da evolução progressiva dos seus costumes. O processo da evolução dos costumes surge do desejo da experimentação;

Pág. 768

novas idéias são levadas adiante – e a competição decorre daí. Uma civilização progressiva abraça as idéias avançadas e perdura; o tempo e as circunstâncias, afinal, determinam o grupo mais apto para sobreviver. Isso não significa, entretanto, que cada mudança, diferente e isolada, na composição da sociedade humana haja sido para melhor. Não! De fato, não! Pois tem havido muitos e vários retrocessos na longa luta da civilização de Urântia no sentido do progresso.

5. AS TÉCNICAS DA TERRA – AS ARTES PARA A MANUTENÇÃO

A terra é o palco da sociedade; os homens são os atores. E o homem deve sempre ajustar as suas atuações de modo a adequar-se à situação das terras. A evolução dos costumes depende sempre da relação homem-terra; e ainda que seja difícil estabelecer tal relação, isso é verdadeiro. A técnica do homem para lidar com a terra, ou as artes da manutenção, somada aos seus padrões de vida, iguala-se à soma total dos usos populares, dos costumes. E a soma da adaptabilidade do homem às exigências da vida iguala-se à sua civilização cultural.

As culturas humanas iniciais surgiram ao longo dos rios do hemisfério oriental, e houve quatro grandes passos na marcha progressiva da civilização. Eles foram:

1. *O estágio da colheita.* A coerção da alimentação, a fome, levou à primeira forma de organização industrial: as filas primitivas de colheita de alimentos. Algumas vezes, a marcha dessas filas de fome tinha quinze quilômetros de comprimento, quando passava pela terra, recolhendo o alimento. Esse foi o estágio nômade primitivo de cultura e é o modo de vida que os bosquímanos da África atualmente seguem.

2. *O estágio da caça.* A invenção das armas capacitou o homem a tornar-se um caçador e, assim, conseguir libertar-se consideravelmente da escravidão da nutrição. Um andonita, que refletia, havia ferido seriamente o pulso, em um combate violento, e redescobriu a idéia de usar um longo pedaço de ripa como braço e uma peça de pedra dura amarrada à sua extremidade com tendões, substituindo o pulso. Muitas tribos fizeram descobertas isoladas dessa espécie, e essas várias formas de martelos representavam um dos grandes passos para o progresso da civilização humana. Ainda hoje, alguns nativos australianos progrediram pouquíssimo além desse estágio.

Os homens azuis tornaram-se hábeis na caça e nas armadilhas; e, fazendo barragens nos rios, eles pegavam peixes em grande quantidade, secando o excedente para usar no inverno. Muitas formas de ciladas e de armadilhas engenhosas eram empregadas na captura da caça, mas as raças mais primitivas não caçavam os animais de maior porte.

3. *O estágio pastoral.* Essa fase da civilização tornou-se possível pela domesticação dos animais. Os árabes e os nativos da África estão entre os mais recentes povos de pastores.

A vida pastoral ofereceu um alívio maior para a escravidão da fome; o homem aprendeu a viver da renda do seu capital, do crescimento do seu rebanho; e isso proporcionou mais tempo livre para a cultura e para o progresso.

A sociedade pré-pastoral fora uma sociedade de cooperação sexual, mas a difusão da criação de animais rebaixou as mulheres ao nível mais baixo da escravidão social. Em tempos mais primitivos, o dever do homem era assegurar o alimento animal, o trabalho da mulher sendo o de prover o alimento vegetal. Portanto, quando o homem ingressou na era pastoral da sua existência, a dignidade da mulher caiu grandemente. Ela continuava tendo de trabalhar para produzir os alimentos vegetais necessários à vida, enquanto o homem apenas precisava ir aos seus rebanhos para prover alimento animal em abundância. O homem, assim, tornou-se relativamente independente da mulher; durante toda a idade pastoral, o status da mulher declinou ininterruptamente. Ao fim dessa era,

Pág. 769

ela se havia transformado em pouco mais do que um animal humano, reduzido a trabalhar e a prover a descendência humana, do mesmo modo que se esperava dos animais do rebanho, que trabalhassem e dessem crias. Os homens das idades pastorais tinham um grande amor pelo seu gado; e é bastante lamentável que eles não tenham desenvolvido uma afeição mais profunda pelas suas esposas.

4. *O estágio agrícola.* Essa era surgiu com a domesticação das plantas, e representa o tipo mais elevado de civilização material. Ambos, Caligastia e Adão, esforçaram-se para ensinar a horticultura e a agricultura. Adão e Eva eram horticultores, não pastores, e a horticultura era uma cultura avançada naqueles dias. O cultivo das plantas exerce uma influência enobrecedora sobre todas as raças da humanidade.

A agricultura fez mais do que quadruplicar a relação homem-solo no mundo. Ela pode ser combinada com as atividades pastorais do estágio cultural anterior. Quando se sobrepõem os três estágios, os homens caçam, e as mulheres cultivam o solo.

Tem sempre havido desentendimentos entre os pastores e os cultivadores do solo. O caçador e o pastor eram militantes do tipo belicoso; o agricultor é um tipo mais amante da paz. A ligação com os animais sugere a luta e a força; a ligação com as plantas instila a paciência, a quietude e a paz. A agricultura e a indústria são as atividades da paz. Mas o ponto fraco de ambas, como atividades sociais do mundo, é que elas carecem de excitação e de aventura.

A sociedade humana tem evoluído do estágio da caça, passando pelo pastoral, indo até o estágio territorial da agricultura. E cada estágio dessa civilização progressiva foi acompanhado por uma dose cada vez menor de nomadismo; cada vez mais, o homem passou a viver nos seus lares.

E, atualmente, a indústria está suplementando a agricultura, com uma urbanização conseqüentemente crescente e com a multiplicação de grupos não agrícolas de classes de cidadania. Entretanto, uma era industrial não pode ter a esperança da sobrevivência se os seus líderes não reconhecem que mesmo os mais elevados desenvolvimentos sociais devem sempre se fundamentar em uma base agrícola sólida.

6. A EVOLUÇÃO DA CULTURA

O homem é uma criatura da terra, um filho da natureza; não importa quão sinceramente ele tente escapar da terra, em última instância, é certo que ele falhará. “Vós sois pó e ao pó ireis retornar” é literalmente verdadeiro sobre toda a humanidade. A luta básica do homem foi, é, e sempre será, pela terra. As primeiras ligações sociais dos seres humanos primitivos aconteceram com o propósito de ganhar essas lutas pela terra. Na relação homem-terra repousa toda civilização social.

A inteligência do homem, por intermédio das artes e das ciências, elevou o rendimento da terra; ao mesmo tempo, o crescimento natural da prole foi, de um certo modo, colocado sob controle e, assim, ficou provido o sustento e o lazer para edificar uma civilização cultural.

A sociedade humana é controlada por uma lei que decreta que a população deve variar diretamente segundo as artes de lidar com o solo e, inversamente, com um determinado padrão de vida. Durante essas idades primevas, até mesmo mais do que no presente, a lei da oferta e da demanda, no que diz respeito aos homens e à terra, determinou o valor estimado de cada qual. Durante os tempos de fartura de terras – de territórios não ocupados – a necessidade de homens era grande e, conseqüentemente, o valor da vida humana ficou bastante enaltecido; e, então, as perdas de vidas eram mais aterrorizantes. Durante os períodos de escassez de terra e da

superpopulação correspondente, a vida humana adquiriu um valor relativamente menor e de um modo tal que a guerra, a fome e as epidemias eram encaradas com menos preocupação.

Quando o rendimento da terra é reduzido, ou a população tem um aumento, a luta inevitável é retomada; os piores traços da natureza humana vêm à tona. A melhora no rendimento da terra, a ampliação das artes mecânicas e a redução da população tendem a realimentar o desenvolvimento do melhor aspecto da natureza humana.

A sociedade, durante as épocas limítrofes de pioneirismo, faz desenvolver o lado de pouca habilidade da humanidade; enquanto as belas-artes e o progresso verdadeiramente científico, junto com a cultura espiritual, têm prosperado mais nos centros maiores de vida, todos, quando sustentados por uma população agrícola e industrial ligeiramente abaixo da relação homem-solo. As cidades sempre multiplicam o poder que os seus habitantes têm, seja para o bem, seja para o mal.

O tamanho da família tem sido influenciado sempre pelos padrões de vida. Quanto mais elevado o padrão, tanto menor é a família, até o ponto em que há uma estabilização do crescimento, ou uma extinção gradual.

Através das idades, os padrões de vida têm determinado a qualidade de uma população sobrevivente, em oposição à mera quantidade. Os níveis locais de vida de uma determinada classe dão origem a novas castas sociais, a novos costumes. Quando os padrões de vida tornam-se complicados demais, ou muito altamente luxuosos, rapidamente eles tornam-se suicidas. A casta é o resultado direto da elevada pressão social da competição aguda, produzida por populações densas.

As raças iniciais muitas vezes recorreram a práticas destinadas a restringirem a população; todas as tribos primitivas matavam as crianças deformadas e adoentadas. Antes da época da compra das esposas, freqüentemente matavam-se as crianças femininas. As crianças, algumas vezes, eram estranguladas no nascimento, mas o método favorito era o do abandono. O pai de gêmeos geralmente insistia para que um fosse morto, pois os nascimentos múltiplos eram considerados como causados pela magia ou pela infidelidade. Como regra geral, contudo, os gêmeos do mesmo sexo eram poupados. Embora esses tabus sobre os gêmeos chegassem a ter sido quase universais, nunca foram parte dos costumes andonitas; esses povos sempre consideraram os gêmeos como bons presságios de sorte.

Muitas raças aprenderam a técnica do aborto, e essa prática tornou-se muito comum depois do estabelecimento do tabu do nascimento de crianças entre os não casados. Durante muito tempo, o costume era de que uma jovem solteira matasse as suas crianças e, entre os grupos mais civilizados, esses filhos ilegítimos tornavam-se pupilos da mãe da moça. Muitos clãs primitivos foram virtualmente exterminados por causa da prática tanto do aborto quanto do infanticídio. Todavia, a despeito da tirania dos costumes, pouquíssimas crianças eram destruídas depois de terem sido tomadas no seio – a afeição materna é muito forte.

Mesmo no século vinte, persistem alguns remanescentes dessas práticas primitivas de controle de população. Há uma tribo, na Austrália, cujas mães recusam-se a criar mais de duas ou três crianças. Não há muito tempo, uma tribo de canibais comia cada quinto filho que nascia. Em Madagáscar, algumas tribos ainda destroem todos os filhos nascidos em certos dias de má sorte, resultando na morte de cerca de vinte e cinco por cento de todas as crianças.

De um ponto de vista mundial, a superpopulação nunca foi um problema sério no passado, mas, se as guerras diminuïrem e se a ciência controlar cada vez mais as doenças humanas, isso pode tornar-se um problema sério, em um futuro próximo. Em tal momento, então, a grande prova de sabedoria da liderança do mundo se fará presente. Terão os governantes de Urântia o discernimento e a coragem de favorecer a multiplicação do ser

Pág. 771

humano mediano ou estabilizado, em vez dos extremos do supranormal e dos grupos enormemente crescentes de subnormais? O homem normal deveria ser favorecido; ele é a espinha dorsal da civilização e a fonte dos gênios mutantes da raça. O homem subnormal deveria ser mantido sob o controle da sociedade; não deveriam ser gerados mais do que o necessário deles, para trabalharem nos níveis mais baixos das indústrias e para as tarefas que requerem uma inteligência pouco acima dos níveis animais; tarefas que fazem um nível tão exíguo de exigências, a ponto de representarem verdadeiras escravidões e subjugação para os tipos mais elevados de seres humanos.

[Apresentado por um Melquisedeque certa vez estabelecido em Urântia.]